ODEERE
ISSN 2525-4715
Vol 10, Nº 1, 2025, 325-334
DOI: 10.22481/odeere.v10i1.16938
Entrevista | Interview

(Re)encontro com a matriz africana: entrevista com babalorixá Baba Kaibi José Raimundo sobre respeito pela identidade religiosa

Aline Paiva dos Santos[1]* David Junior de Souza Silva[2]
[1]Universidade Federal do Amapá - Brasil
[2]Universidade Federal do Amapá - Brasil
*Autor de correspondência: alinepaivasnts@gmail.com

RESUMO

Este texto apresenta a entrevista com o sacerdote de matriz africana José Raimundo Froes Rodrigues, realizada no Ilê Asé Toju Fun Baba Kaibi. A entrevista foi concedida para produção da monografia Axé e resistência: narrativas das comunidades de matriz africana sobre racismo e intolerância religiosa em Macapá, apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Na parte metodológica, aplicou-se a pesquisa de campo, com o uso da entrevista semiestruturada e roteiro parcialmente definido. As respostas apresentadas evidenciam o olhar do entrevistado sobre saberes culturais, narrando o reencontro com as tradições de matriz africana e a luta por respeito pela sua identidade religiosa.

PALAVRAS-CHAVE:
Candomblé
Intolerância religiosa
Racismo religioso

ABSTRACT

This text presents an interview with the African-Brazilian priest José Raimundo Froes Rodrigues, held at Ilê Asé Toju Fun Baba Kaibi. The interview was conducted for the production of the monograph Axé and resistance: narratives of African-Brazilian communities on racism and religious intolerance in Macapá, presented to the Specialization Course in Cultural Studies and Public Policies, at the Federal University of Amapá (Unifap). In the methodological part, field research was applied, using semi-structured interviews and a partially defined script. The answers presented show the interviewee's perspective on cultural knowledge, narrating the re-encounter with African-Brazilian traditions and the struggle for respect for his religious identity.

KEYWORDS:
Candomblé
Religious intolerance
Religious racism

RESUMEN

Este texto presenta una entrevista con el sacerdote afrobrasileño José Raimundo Froes Rodrigues, realizada en Ilê Asé Toju Fun Baba Kaibi. La entrevista se realizó para la producción de la monografía «Axé y resistencia: narrativas de comunidades afrobrasileñas sobre racismo e intolerancia religiosa en Macapá», presentada en el Curso de Especialización en Estudios Culturales y Políticas Públicas de la Universidad Federal de Amapá (Unifap). En la parte metodológica, se aplicó una investigación de campo mediante entrevistas semiestructuradas y un guion parcialmente definido. Las respuestas presentadas muestran la perspectiva del entrevistado sobre el conocimiento cultural, narrando el reencuentro con las tradiciones afrobrasileñas y la lucha por el respeto a su identidad religiosa.

PALABRAS-CLAVE:
Candomblé
Intolerância religiosa
Racismo religioso

SUBMETIDO: 16 de junho de 2025 | **ACEITO:** 04 de julho de 2025 | **PUBLICADO:** 03 de setembro de 2025
© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

Apresentação

José Raimundo Froes Rodrigues é sacerdote de matriz africana no Ilê Asé Toju Fun Baba Kaibi, localizado na zona norte de Macapá. Nascido no Estado do Maranhão, firmou raízes no Amapá, onde teve um segundo encontro com o sagrado na Amazônia, quando se permitiu emergir nas religiões de matriz africana. Anos antes foi evangélico, até conhecer o divino e o significado de amar o próximo com os orixás. José Raimundo comanda um Ilê de candomblé do ketu, que tem como patrono Oxalá. O espaço físico foi fundado em 2004. Anteriormente, o local era casa de umbanda, religião em que teve o primeiro contato, ainda criança, mas o desenvolvimento ocorreu apenas na vida adulta. Esta entrevista, concedida no seu Ilê, narra a sua trajetória de vida, o reencontro com a tradição de matriz africana e a luta por respeito pela sua identidade religiosa.

1) Qual o nome do terreiro? Quanto tempo de barracão?

Ilê Asé Tojú Fun Babá Kaibí. O espaço físico foi fundado em 2004, mas eu já trabalho no mesmo endereço há 26 anos. Fui um dos primeiros moradores do bairro e já entrei com matriz africana. Lógico que por ser um dos primeiros moradores a intolerância foi muito mais agregada a isso.

Tanto que enfrentamos muitos obstáculos por conta disso, porém fomos lapidando. Procuramos conhecer os nossos vizinhos, mostramos para eles o que realmente é a matriz africana, qual a finalidade do que nós fazemos e diferenciamos das outras religiões, porque muitos deturpam isso, acham que é coisa do demônio, que isso não é de Deus. Um dos nossos objetivos foi trazer os vizinhos para cá, para perceberem de cara que demônio não tem nada.

Hoje, após 26 anos, somos conhecidos no bairro e em toda Macapá também. Temos um legado graças aos projetos que desenvolvemos, fazendo com que as pessoas conheçam mais a nossa religião.

2) O terreiro é de Candomblé, Mina e Umbanda?

Candomblé ketu. Somos da nação ketu. Eu comecei com umbanda, mas oxalá quis que fosse do candomblé. Oxalá é meu orixá patrono da casa. Iniciei em

2004, quando a minha casa de umbanda passou a ser de candomblé. Até hoje, aqui acolá, desenvolvemos a umbanda.

3) Qual seu primeiro contato?

Meu primeiro contato foi com a minha tia Mercê, da pajelança. Não era nem bem umbanda, a pajelança é típica do Norte. Só que nunca fui de ter interesse, sempre olhava, observava, mas nunca tinha tido afinidade. Sou do Nordeste, do Maranhão, mas chegando aqui em Macapá, recebi meu primeiro 'anauê'. Vim desenvolver no Amapá, quando recebi as minhas entidades dentro da umbanda. Desenvolvi e elas começaram a vir, mas sempre vamos evoluindo e buscando coisas, acabou chegando aonde nós estamos hoje, que é no candomblé.

Meu primeiro contato com a umbanda ainda era jovem, um garoto. Não recordo a idade, mas acredito que seja com uns 9 ou 10 anos, não tinha muita noção. Os próprios familiares sempre quando chega a ter esse contato quer esconder, colocar debaixo da asa, foi assim que aconteceu. Desenvolvi em Macapá, quando cheguei na cidade já era casado e tinha filho. Isso foi em 1998, quando tudo começou de fato. 2004 foi quando eu iniciei no santo dentro do candomblé, na nação ketu.

4) Como você expressa sua religiosidade fora do terreiro? E o uso de roupas nos locais públicos, você costuma sair paramentado?

Sempre encontramos isso como obstáculo, mas nunca como uma barreira que nos impedisse de se trajar dessa forma. Particularmente, ando livremente em qualquer repartição com as minhas roupas da religião, porque eu me identifico dessa maneira e nunca tive medo, nem vergonha de expressar isso. Embora tenhamos leis que possam nos amparar, acreditamos que é um amparo meio que paralelo, que as pessoas sempre fazem vista grossa, nunca levam isso com muita afinidade ao ponto de sanar. Acredito até que sempre vai ser assim, vamos encontrar esse tipo de barreira quando se trata de intolerância.

Digo isso porque quando você tem impacto, sempre vai ter um por trás dizendo, colocando e fazendo você entender que aquilo não foi intolerância, que foi apenas um mal-entendido. Só que para nós que sofremos nunca vamos

enxergar dessa maneira, pois sabemos como as pessoas se comportam perante essas condições. É muito complexo porque cada um tem uma forma de pensar, uma forma de agir. Os intolerantes estão aí livremente, vamos dizer assim.

Quando ando na rua já percebi olhares diferentes. E muito! Muito mesmo! Moramos no Amapá e temos a oportunidade de expressar com mais afinco a nossa religião, comparado a outros Estados, que muitos até se escondem. Ainda percebemos essa barreira que as pessoas têm com relação a convivência de ir e vir.

A maneira como nos trajamos de 'deloguns', 'abadás' e com roupas tradicionais, percebemos que as pessoas ainda têm esse impacto. Até para você ir aqui ao comércio, se for vestido de branco, todo mundo já te observa dos pés à cabeça, faz uma análise, faz um sinal da cruz, já começa a orar, é aquela coisa! Acabou se tornando comum para algumas pessoas acreditar no que pregam a eles, não no que convivem. Porque se entrar aqui dentro do Ilê para conviver no nosso espaço, veria que na prática é totalmente diferente, sairia daqui com outra visão.

5) Como a casa de axé é vista na vizinhança? Já teve alguma reclamação sobre o barulho? Recorda de algum caso de intolerância?

Aqui, no começo, tive dificuldade em relação a isso. Não vou dizer que se resolveu. Posso afirmar que sou resistência porque acabar não acaba. É difícil, pois se eu falasse que fecharia o Ilê teria gente que bateria palma. Porque tolerar não é a mesma coisa que aceitar. Lutamos pelo menos por isso, pela tolerância, que as pessoas aceitem ou não, mas que tolerem. São obstáculos que sempre vão existir, infelizmente.

Até que de barulho nem tanto, porque fechamos de uma maneira que não sai muito volume para fora do Ilê. O problema é que incomoda pelo fato de ser matriz africana, de qualquer forma. A vizinhança aqui do lado já acalmou. Mas, são coisas que já estamos acostumados.

Na segunda-feira, fazemos oferenda para o senhor dos caminhos, que é o orixá Exú. Uma vez, o vizinho me chamou dizendo que tinha colocado uma farinha na frente da nossa casa. Por observação dele, acredita que essa farinha teria

explanado para dentro da residência do mesmo. Quero dizer que, se acontecesse, não haveria problema algum, apenas falta de conhecimento. Logo acharam que eu estava fazendo maldade, um trabalho, as pessoas já têm isso na mente. Chamei ele para conversar, comentando que aconteceu isso, isso e aquilo. Comentei que nem precisava explicar, se não quiser mais falar comigo nem precisava. Pedi para olhar no próprio telefone, para pesquisar na internet, no google, ele iria encontrar inúmeras informações sobre a farinha, o nome é 'padê de exú'. Agora qual a necessidade daquilo? Expliquei que nossa crença é a forma de acreditarmos em Deus, de acreditar no meu sagrado, na minha religião, assim como ele acredita no seu Deus, no seu jeito de orar, de gritar e de chorar. Em resumo, foi tudo resolvido.

6) Já ocorreram conflitos por religiões diferentes? Já chegou a esconder a religião por medo?

É interessante essa pergunta porque eu sou casado com a minha primeira namorada. Ela sempre soube, desde o início quando comecei a cuidar da minha espiritualidade. Toda a minha família me abraçou, incluindo meus filhos. Não tive essa dificuldade, graças a Deus! Agradeço muito por isso! Com o passar do tempo, meu filho carnal acabou entrando para o candomblé. Nunca o questionei. Quando fazia as coisas do barracão ele era bem novinho, tinha 8 anos, e sempre saía para casa do coleguinha que morava próximo, passava a noite toda, praticamente, para lá, porque terminava em torno de meia noite, uma hora da manhã. Às vezes, acabava dormindo lá, quando não ia para uma igreja evangélica que tinha bem aqui do lado. Isso pra mim nunca foi questionado, nunca critiquei. Cada um segue o que é melhor para si. Com o passar do tempo ele acabou se acostumando. Um certo dia, quando todo mundo foi embora, eu acordei do transe e meu filho estava do meu lado, perguntando se estava bem. Ele me disse que me viu sozinho e não queria mais me deixar só, que me acompanharia. Poxa, nessa situação desabamos porque não existe apoio melhor do que a própria família, não tem preço.

Meu filho entrou para o candomblé e hoje é um dos mais requisitados dentro da religião. Ele é ogã e tem o cargo de 'axogun', que é aquele que prepara e oferece os animais para os orixás, um dos cargos mais conceituados e mais

respeitados, quem tem autoridade de dominar este caminho, tem o poder de conversar com os orixás. Também tenho uma filha que é equede há 10 anos. Então, minha família, praticamente, acabou agregando. Minha esposa também é equede suspensa.

Tenho dois filhos carnais. Mas, dentro da casa tem muitos, porém convivem direto, em dia de função, uns 20 filhos de santo, fora o que tem espalhado. Tem um que mora em Caxias do Sul, outro na França. Os dois foram feitos aqui.

7) Para você, o que é intolerância ou preconceito religioso?

Enquanto religioso de matriz africana, enxergo a intolerância como uma maldade que não tem definição ao certo. Sabemos o quanto isso machuca, o quanto é dolorido para quem resiste, pois passar anos e anos nessa mesma ideologia é realmente resistir. Não dá para enfeitar a intolerância, se não for por ódio que tá por dentro, não sei. Fora que tentamos demonstrar quem nós somos, o que fazemos, qual a finalidade. Nós não somos melhores que ninguém, mas ninguém é melhor que a gente, ninguém tem o poder de te julgar, de te condenar.

8) E para acabar com a intolerância é necessário investimento em políticas públicas?

Essas políticas públicas vêm sendo cogitadas há muitos anos, mas nunca ninguém praticou, ninguém seguiu com o projeto de colocar em prática. Eu lembro que até muitos anos atrás o professor saia da sala para não falar de matriz africana. Quando foi lançada uma cartilha para ser colocada nas escolas, para ter como método de ensino, a intolerância partiu dos próprios professores, por terem uma cultura, digamos assim, leiga, que acaba acreditando num Deus que oprime, e Deus não te oprime. Eles pensam que vão ser condenados, que estão fazendo apologia a isso e aquilo outro. Isso acaba se tornando demorado demais. Então, quando se fala em política pública é sempre essa história. Temos necessidade, precisamos, mas nunca é efetivada.

9) O que é o candomblé para você?

Vou contar uma história que tem tudo a ver com essa pergunta. Antes de entrar no candomblé eu era evangélico. Mudei drasticamente por conta de tudo que relatei até agora: a forma como você recebe Deus na sua vida. Deus não vem na cor da pele, na cor do sangue, não vem na cor da roupa. Deus é longevo, tá longe, mas tá perto, tá presente, tá conosco. Muitas vezes as pessoas acreditam que só existe um Deus na tua cabeça. No momento, a sua igreja não tem noção de que Deus está no meio de nós. Tive que ser evangélico, para passar por todas essas provações, para chegar dentro do candomblé e entender que Deus está em todo lugar.

Nos deparamos com a força, energia e fé para acreditar que Deus pode tudo. O mais interessante é que Deus coloca pessoas certas nos caminhos certos, coloca seus mensageiros para nos dar força e auxiliar. Acolho isso com os meus orixás, dentro da matriz africana, dentro do candomblé. Porque se você for ver os orixás que estão no candomblé são os mesmos que estão lá na umbanda, o mesmo que tá dentro da mina, do batuque, do angola. O que muda é o nosso conceito com a sociedade, ou ela com a gente, ou a forma como ela nos recebe, como ela nos quer.

Com isso, vem todo aquele trabalho junto a sociedade, de mostrar que não é uma única religião a melhor, não é a minha a melhor e sim a forma como entendemos, de como aprendemos. E para isso, não tem coisa melhor que conhecimento. A religião não é só eu ficar me escravizando dentro de uma estrutura sagrada e achar que o mundo só se resolve ali. Tudo muda se nós tivermos atitude, se nós buscarmos esse conhecimento e praticarmos ele. É dessa maneira que eu continuava sendo evangélico, foram 10 anos. De sacerdote estou há 19 anos e foi a melhor coisa que Deus colocou na minha vida, foi a melhor decisão porque me transformou, fez de mim uma pessoa melhor.

Sempre falo aqui na minha comunidade, com meus filhos, que não sou uma pessoa rica de dinheiro, ninguém me vê ostentando e nem esbanjando nada. Mas, quem entra dentro da minha casa hoje quer voltar amanhã, porque encontra no Pai Raimundo, uma pessoa companheira, humilde, que vai estar sempre de braços abertos. Isso foi o candomblé que me ensinou, que fez isso por mim, que me

transformou. Fazer parte do candomblé, receber os orixás como nossos mentores, é perceber que eles ajudam os seres humanos. Não vou dizer que só ajudam as pessoas da religião, ajudam todo mundo, pois você vive o candomblé 24h, mesmo você não sendo candomblecista. Você respira candomblé, você se alimenta do candomblé. Porque se não fosse por isso, você não teria um açougue que tá lá sacrificado e nem sabe como ocorre, aqui até para comer rezamos, fazemos nosso ritual para poder sacrificar ou se alimentar. Então, as pessoas que não têm isso nunca vão saber como é viver. Hoje, o candomblé é super importante na minha vida, não consigo me enxergar fora. Senão eu não estava há 19 anos. O sacrifício é compartilhado. Eu diria que é um dos momentos mais importantes da nossa vida dentro de uma comunidade.

Acabou se formalizando o título de Ilê Axé, mas sempre discordei porque o axé tá sempre em nós. Axé em português é uma casa de energia. Essa energia sempre nos move. Não é só uma casa, pois se fosse não agregava tanta gente, pessoas de outras casas, da vizinhança, famílias e famílias, quer dizer então é uma comunidade. Aqui nós somos uma comunidade. Hoje eu ajudo você, amanhã você me ajuda, um vai ajudando o outro e assim se formando este laço.

10) Como funciona a dedicação à religião?

A dedicação é uma vida contínua. Não é só a família de axé, também tem a carnal e o trabalho. Para você agregar tudo isso, se conciliar com a dedicação religiosa, tem que ter um conjunto de consentimento. Cada um se ajudando, se um sai fora do caminho você tem que ir lá buscar. Todo mundo tem que estar em sintonia, é muito árduo e cansativo. Não é fácil, tem que ter muito amor, muita dedicação.

Tudo que eu faço é muito amor, muito amor mesmo. Em muitas casas, para se dedicar tanto a esse nível cobra, pois é uma forma de recompensar o tempo. Sempre digo a eles que tenho tanto amor pelos meus orixás que os valores se tornam supérfluos pra mim, porque o que os orixás me trazem, eles nunca irão poder me dar. Não é me pagando, me dando dinheiro, que vai pagar o que o orixá pode me proporcionar.

Hoje, eu sou um pai de santo taxista. Existe em Macapá algum outro pai de santo que é taxista? Eu brinco com eles com isso. É muito incomum! Chego no meu local de trabalho e todo mundo sabe que eu sou pai de santo, todos me apoiam, me aceitam. Por incrível que pareça todos acabam precisando da minha ajuda, acabo acolhendo ou ajudando. É uma responsabilidade que não tem como medir.

Por eu ser filho de Oxalá, e um dos mais velhos, porque não existe só um, sou de Oxalufã, o que anda com cajado, que é onde está a transformação. Essa transformação começa pela paciência, se não tiver você não chega até o final, porque oxalá diz assim: vai na frente porque eu vou aqui atrás, mas quando você chegar, eu já estarei lá. Mas, como assim se você vai ficar para trás? Porque a tua paciência tá querendo ir primeiro do que eu, tua ansiedade, uma série de coisas em conjunto. Resumindo: quando você chegar lá, vai esperar Oxalá chegar, porque tudo só começa quando ele chega. Poxa, você veio cedo demais. Trouxe tudo? Não? Então volte para buscar. Ou seja, quando você chegar, eu já estou aqui.

11) Conte-me um fato marcante durante estes 19 anos de candomblé?

Sempre fui muito convicto da minha fé. Sempre acreditei muito nas possibilidades que o orixá proporciona pra mim. Lembro de muitas conquistas, como por exemplo, quando saí de um trabalho que eu era funcionário, já estava há 8 anos e tenho fobia, não consigo ficar muito tempo trabalhando no mesmo lugar. Já estava tão exausto que começava a expressar rejeição. Teve um dia que eu vim pra cá e uma entidade minha disse: 'Avisa o seu Raimundo que ele vai ser demitido'. Minha mulher ficou super preocupada, pois dependíamos deste emprego, ela não trabalhava na época. Quando minha esposa me falou, já fui trabalhar com pensamento negativo e dito e certo, fui exonerado.

Fiquei feliz, saí feliz da vida. Cheguei e sentei aqui no pé do meu santo e agradeci convicto que o orixá ia trazer algo melhor pra mim. Porque você trabalha e tem um salário único, ele não vai vingar, não fará milagre. Sempre pedi isso para o meu pai, para prosperar com coisas melhores. Uma semana depois, com a minha rescisão, comprei o táxi. Dentro de um mês fiz o dinheiro da minha rescisão e não

acreditei. Isso ficou marcado na minha história porque sou tão convicto da minha fé, que não passava na minha cabeça que podia passar necessidade. Hoje já estou trabalhando há muito tempo na praça, não me vejo trabalhando para ninguém, gosto de fazer o que faço. Só tenho a agradecer por isso.

12) O que achas desse tipo de pesquisa?

Eu acho interessante porque isso mostra as casas de matriz africana, o que realmente nós fazemos, a forma de culto, a forma de venerar. O ser humano precisa conhecer mais. Vivemos momentos de intolerância, pandemia, uma série de situações em que você acorda com problema, você vai dormir com problema e poucas vezes as pessoas se debruçam e pedem benção ou agradecem. Pode perguntar para o jovem quantas vezes ele orou, rezou. As pessoas vivem em um mundo corriqueiro e pouco param para refletir sobre a sua alma, sobre sua espiritualidade.

Passamos nossa trajetória espiritual dentro de um centro dedicado a todo mundo, a cuidar deste lado espiritual. Quando chega alguém aqui e colhe todas essas informações para levar daqui para fora é muito bom, porque vai fazer com que a sociedade acorde, pois onde eles veem maldade só tem amor. Precisamos disso, o mundo precisa disso, a sociedade precisa disso, que tenham mais amor ao próximo, porque o individualismo tá geral.

Minha dedicação final é ao meu sacerdote que me deu essas inspirações, esse conhecimento, que me fez permanecer da mesma maneira com que me criou, que é Marcos José Ribeiro dos Santos, meu pai de santo, que é a nossa base de conhecimento e instrução, como pessoa.